

Singular poeta acadêmico: António Serrão de Crasto (1614-1685) Singular academic poet: António Serrão de Crasto (1614-1685)

MARIA DO SOCORRO FERNANDES DE CARVALHO¹

Resumo: O poeta António Serrão de Crasto (1614-1685) foi membro da Academia dos Singulares (de 1628 a 1665), que editou dois tomos da produção poética acadêmica em 1665 e 1668. O objetivo deste artigo é fazer uma apresentação breve dos 72 poemas que constam nessas publicações acadêmicas, e de dois discursos ocasionais como presidente de sessões da academia. Apreciam-se também alguns poemas avulsos, encontrados em manuscritura ou em livros de outros autores. Neste artigo, tento propor uma pequena bibliografia de Serrão de Crasto, juntando diversas fontes bibliográficas até hoje conhecidas. De modo geral, o artifício retórico presente nos textos reside na transposição dos estilos sério e jocoso, alterando o poeta entre a gravidade da matéria e a facécia dos conceitos, ornatos e palavras com que trata o argumento ou, pelo contrário, vestindo uma matéria circunstancial ou baixa com ornatos elevados. A maior parcela de seus romances, sonetos e glosas alterna a aplicação de estilos grave e facetado entre elas.

Palavras-Chaves: Retórica; poética; cômico; agudeza.

Abstract: Poet António Serrão de Crasto (1614-1685) was a member of the Academy of the Singular Ones (Academia dos Singulares) from 1628 to 1665, and penned two tomes of academic poetic works in 1665 and 1668. This article aims to briefly present the 72 poems contained in those academic publications, and two occasional speeches given as he presided over academic sessions. It also includes some separate poems found in handwritten form or in books authored by others. In this article, I seek to put forward a short bibliography of Serrão de Crasto by collating several bibliographical sources known to date. Generally, the rhetorical artifice present in the texts lies in switching around serious and jocular styles, as the poet shifts between the seriousness of the subject and the playfulness of the concepts, ornaments and words with which he treats the argument or, conversely, as he clothes a trivial or low subject with high ornaments. Most of his *romances*, sonnets and gloses feature this shifting between serious and facetious styles.

Keywords: Rhetoric; poetics; comic; wit.

¹ Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) (Brasil). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3576-9915>.

tu pluma coronista de su história
(Crasto, in *Academias dos Singulares*, I, 1665)

António Serrão de Crasto nasceu em Lisboa, em 1610, 1613 ou 1614. Hoje os historiadores tendem pelo ano de 1614. Foi um boticário e homem de letras, membro entusiasta da Academia dos Singulares, grêmio letrado que funcionou entre os anos de 1628 a 1665, com hiatos, e congregava muitos burgueses cristãos-novos. Foi preso em maio de 1672 sob a acusação de criptojudaísmo e levado para as masmorras do Palácio dos Estaus, onde funcionou a sede da Inquisição lisboeta, prédio então localizado no central Largo do Rossio. Após 10 anos de prisão e sevícias, recebeu sentença condenatória declarada no auto de fé de 10 de maio de 1682: prisão perpétua e hábito penitencial. Com o fim do processo, todavia, ficou fora da masmorra até morrer, três anos depois.

Logo após a prisão em 1672, toda a sua família foi também encarcerada e torturada: três irmãs, três (ou quatro) filhos — um dos quais, Pedro Serrão, foi garroteado e levado à fogueira no mesmo auto de fé que condenou a família inteira —, dois sobrinhos poetas, membros da mesma Academia dos Singulares, uma prima. Quem não morreu ficou um tanto louco no decurso do processo, que durou 12 anos, ao fim dos quais António Serrão de Crasto estava quase cego, seu patrimônio confiscado integralmente pela Inquisição, mendigando o pouco necessário ao sustento do corpo de um ancião. É suposto que tenha morrido em 1685.

Num prefácio que escreve à edição livresca do poema longo *Os ratos da Inquisição*, em 1883, o mais famoso libelo acusatório feito pelo poeta marrano, o escritor Camilo Castelo Branco faz uma apresentação breve da vida do poeta judeu, na qual reafirma-lhe a profissão de «boticário que sabia ler as *Pharmacopeas*», livros de fórmulas e compostos para a preparação de medicamentos. Serrão de Crasto era portanto um letrado ligado à ciência química (da época) e às letras de corte.

Com efeito, o relato da vida desse poeta seiscentista é tocante e revela aspectos históricos da ação policial da Inquisição em Portugal. Apesar de sua obra não ter até hoje em dia recebido uma edição crítica, juntando-se as variadas fontes de seus escritos, é possível contar-se muitas centenas de versos. Como são variados os estilos poéticos e os gêneros glosados por ele, para nosso interesse específico, porém, será aqui tratada apenas uma parcela da obra cômica atribuída a Serrão de Crasto.

A bibliografia deste homem das letras do século XVII não está totalmente fixada. Ainda assim, o leitor tem à disposição um montante considerável de textos efetivamente escritos pelo autor e muitos poemas avulsos a ele atribuídos, que se encontram em arquivos vários, espalhados em livros de outros autores ou em coletâneas coletivas outras. Trata-se de avulsos manuscritos ou livros não autorais. Impressos ainda em vida, sabe-se de dois «poemas narrativos»: a *Relaçam das grandiosas festas com qve os Religiosos da sagrada Ordem*

dos Prégadores do Real Conuento de S. Domingos [...], publicada em Lisboa, na *Officina de loam da Costa*, em 1671, e outro relato poético, a *Relação da entrada de D. Afonso VI e de D. Maria Francisca de Sabóia [...]*, em 1666, em ambos os quais os leitores costumam enxergar certa tentativa de agradar setores do poder, em troca de aquiescência contra sua condição de (então quase) denunciado ou investigado pela polícia política. Impressos saíram também os dois tomos da Academia dos Singulares, sobre os quais trataremos à frente. A seguir, farei um breve levantamento de sua produção textual, daquela que consegui reunir angariando informações de algumas fontes bibliográficas mais acessíveis, citadas ao final deste artigo. Fica frontalmente patente que tal levantamento é precário e temporário, pois algumas dessas atribuições não são comprováveis e, sobretudo, porque se sabe que há textos que poderão emergir ainda à cena histórico-literária. Por enquanto, é esta reunião de textos atribuíveis a Serrão de Crasto que apresento na sequência.

O poema *Os ratos da inquisição* é uma longa fábula satírica escrita em décimas, na qual ratos e gatos representam réus e inquisidores do Tribunal do Santo Ofício em Portugal. É possivelmente o poema mais conhecido de Serrão de Crasto, em que faz uma acusação direta e astuciosa contra as falácias montadas no interior da polícia política da Igreja católica no

Antigo Estado português, quanto à condução viciada dos processos de acusação.

O romance *A Francisco Mezas, em que lhe refere o tempo que o autor esteve preso na Inquisição, e repete um soneto a uma ameixeira e duas décimas a um loureiro, que fez na prisão* é escrito em forma de epístola petítória de favores materiais ao amigo citado. A didascália mostra ser um escrito posterior à saída do cárcere e à degradação social ensejada pelo confisco de seu patrimônio material e à perda da saúde. O romance é longo e seguido de um soneto patético e várias décimas. Esses dois poemas são já documentos de uma espécie de representação discursiva muito singular da força institucional da Inquisição na sociedade do Estado português.

Além desses dois poemas longos, o leitor encontra um conjunto vultoso de poesias no material da Academia dos Singulares, que editou em dois grandes tomos os versos acadêmicos praticados pelos membros deste importante grêmio das letras seiscentistas. Trata-se de 72 poemas assumidamente da autoria de Serrão de Crasto, e dois discursos em prosa, em ambas as ocasiões em que ele presidiu sessões da Academia dos Singulares de Lisboa.

Um pequeno grupo de seis poemas² forma um conjunto acadêmico extra, sendo três romances e três sonetos derivados de um evento

² Contam-se cinco poemas assinados, mais um suposto ser da autoria de António S. Crasto.

acadêmico de homenagem ao pintor Bento Coelho da Silveira, organizado também pelos poetas Singulares e compilado em 1670. O número de textos feitos com o propósito de louvar esse pintor chega a 76, mas, de autoria de Antonio Serrão, contam-se seis (ou cinco) *ekphrasis* de pinturas do homenageado, espalhadas por lugares diversos da vida áulica de Portugal, como à altura a disputada Capela Real de Lisboa.

Os poemas publicados no tomo IV da antologia *Fênix renascida* constituem outro grupo relevante: nove romances, entre os quais a chamada carta «A Francisco de Mezas», e uma glosa de mote. A maior parte dos versos desse agrupamento é de poesia encomiástica, de louvação à grandeza das casas nobiliárquicas lusitanas, com citações dos nomes e feitos de heróis nacionais. Gentes da realeza e das fidalguias são cantadas em versos curtos e ágeis, alguns alegadamente demandados ao poeta; outros, por ele oferecidos em troca de favores entre pessoas que poderiam, se quisessem, auxiliá-lo:

A fama somente cante
Seus encômios, & louvores
E seus altos resplendores,
Por o mundo remonte.

Mas há também nesse grupo um e outro poema cômico; destaca-se nele o sarcasmo do romance cuja didascália diz «Carta dando as boas festas a um Amigo, a quem lhe dá conta

de sua pobreza», no qual a voz do poeta se diz totalmente espiritual, por não mais possuir carne, corpo, realidade, visão, sendo quase espirituais até seus puídos remendos de roupas. Há exemplos ainda do cômico sardônico, modalidade que mistura riso e tristeza.

No acervo de poesia impressa da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foram encontradas três cotas de Antonio Serrão. A já referida *Relaçam das grandiosas festas com qve os Religiosos da sagrada Ordem dos Prégadores do Real Conuento de S. Domingos*; uma *Décima*, publicada no preâmbulo do opúsculo de cota 023,002,001 n.º 2, pertencente à Coleção Barbosa Machado da BN; e um *Epigrama* preambular, estampado no livro *Opera omnia* (Lisbonae [Portugal], Ex Typographia Georgii Rodrigues, 1635), do poeta Antonio Figueira Durão, coetâneo de Serrão. A *Relaçam* é composta de quatro romances e muitas décimas (cf. Carvalho, 2019).

No prefácio biográfico à primeira edição livresca de *Os ratos da Inquisição*, elaborada pelo escritor português Camilo Castelo Branco (1825-1890) em 1883, já citado, aparecem alguns poemas e alguns trechos de poemas, como as «Redondilhas para a feira vai Luísa» — 10 estrofes de versos curtos com o estilo da *medida velha* lusitana, que não foram encontradas noutra edição, o que faz desse prefácio mais pioneiro ainda, por trazer até versos pouco conhecidos ou, quem sabe, inéditos.

Tem-se notícia ainda de mais textos avulsos, atribuídos aqui e acolá ao poeta, o que é plausível, tendo em consideração a natureza e o funcionamento da manuscritura das letras seiscentistas, em específico, no que diz respeito aos gêneros cômicos, como a poesia satírica. É o caso de certa *Contra-satira/ou censura/jocoseria/aos satyricos, officiaes de pasquins*, a qual teria sido publicada em Lisboa em 1748, mas que não me foi possível consultar. Diz-se também que se encontram um ou mais poemas atribuídos ao poeta na celebrada antologia *Macarrônea latino-portuguesa* (Sabonete Delphico, de 1765), do mesmo modo não localizada.

Em prosa, além de dois discursos acadêmicos na condição de presidente da sessão 14.^a, de janeiro de 1664, e da sessão 17.^a, de fevereiro de 1665, na Academia dos Singulares, chegou até nossos dias uma narrativa intitulada *Novela disparatória e burlesca O gigante sonhado e a donzela por pensamento*, que traz no seu interior poemas e estrofes, mescladas com a prosa, como era de praxe no século XVII (Crasto, 1981: 135-155).

Do ponto de vista da composição retórica, portanto, parte dos textos conhecidos de Serrão de Crasto é encomiástica e elogiosa, pois louvam feitos e virtudes de homens dignitários da cena política ou letrada da Lisboa do Seiscentos. Alguns constituem *petitios*, quando a *persona* poética demanda algum tipo de colaboração ou ajuda ao destinatário virtual do discurso, para que este se mostre tocado

pelos argumentos do apelo. Há ainda os vitupérios, quer contra os vícios de determinada *persona* fictícia, que certamente o leitor contemporâneo identificava no corpo social referencial da pequena burguesia e da fidalguia portuguesa da época; quer pela troça de lugares-comuns das convenções da poesia, principalmente ações de personagens mitológicas, como Atalanta, Tisbe ou Diana, ou ornatos da tradição lírica, como os desmaios e prantos de damas enamoradas. Do ponto de vista da arte poética, os gêneros que ele mais praticou foram romances, não há dúvida, seguidos por sonetos; mas há também muitas décimas e, em *medida velha*, numerosas redondilhas e glosas de motes.

O copioso conjunto dos poemas impressos nos tomos da Academia dos Singulares apresenta certa regularidade no que diz respeito ao estilo, o que se deve em parte ao caráter de facécia que a academia impingiu à sua prática poética com a escolha de motes ligeiros, do tipo a «huma Dama a quem Fabio amava por ser calva» ou «huma formosa Dama, que tendo bons olhos, não tinha nem hum dente», embora tenha havido também ocasião para escolha de motes laudatórios e mesmo de exéquias, como o motivo que presidiu a sessão 17.^a do ano de 1665, pela «morte de Dom João da Costa, digníssimo Conde de Soure», sessão presidida pelo poeta André Nunes da Silva. Numa parcela dos 72 poemas acadêmicos de Serrão de Crasto, todavia, ele imprimiu um tom de facécia aos temas, desconstruindo a

seriedade ou gravidade das matérias, comumente pela paródia de suas causas e efeitos. De vários modos se processa essa desconstrução: pela criação de personagens análogas poucos heroicas, relativamente aos mitos e heróis de textos modelares, como as citações ao episódio do banho de Diana, a casta ninfa das florestas que se enfurece e castiga infratores; pela descaracterização de atos ou gestos heroicos, com ocorrências meramente circunstanciais, do tipo da queima accidental de uma mecha de cabelo da heroína de um poema amoroso; pelo julgamento de impropriedade das ações de personagens fabulares ou mitológicos; ou pela ridicularização de caracteres e figuras da convenção da poesia lírica, como quando retoma o *topos* da austeridade das lágrimas de Heráclito em chave burlesca.

Noutra parcela desses numerosos poemas, porém, o deboche cede à eminência da matéria ou dos conceitos que a envolvem. Vemos que o mote lançado da sessão 15.^a incide sobre «a morte de huma Religiosa do Convento de S. Clara de Lisboa, chamada Brites da Gloria». Serrão de Crasto redige um soneto judicativo com o tema da *fermosura eclypsada*, em cujo segundo quarteto, escreve:

Se a vida he huma guerra dilatada,
Se a discripção, da vida he homicida,
Se a beleza que foi mais presumida,
He terra, he pò, he sôbra, he vento, he nada.

Nele, retoma a tópica da *vanitas*, aproveitando-se da fórmula teleológica de Luís de Gôncora: «terra», «fumo», «pó», «sombra», «nada», imitada em todo o Seiscentos português. Na sequência do soneto, contudo, vem um romance em que o tema da morte é tratado de maneira debochada, quase sem decoro, declarando os versos certo desprezo pelas freiras e citando lugares-comuns da poesia religiosa, como a noção do «bem morrer» e a regra franciscana. O romance faz galhofa com a tópica da morte, ao passo que o soneto propõe uma ponderação sisuda sobre ela. A passagem de um registro a outro é própria das letras instruídas pelas artes retóricas, que Crasto demonstra conhecer.

Assim, por meio de agudezas poéticas que revestem a elocução com conceitos graves, amenos e jocosos, às vezes juntos num mesmo poema, a produção poética acadêmica desse boticário atrai pela astúcia. É o caso curioso do soneto a seguir, que traz um relato com descrições do Entrudo, perspectiva curiosa deste evento laico e popular:

Festas Bacanaís

Filhós, fatias, sonhos, mal assadas
Galinhas, porco, vaca e mais carneiro,
Os perus em poder do Pasteleiro,
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas;
Enfarinhar, por rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Não ter mãos a medir o Taverneiro,
Com résteas de cebolas dar pancadas;

Das janelas c'um tanho dar na gente,
A buzina a tanger, quebrar panelas,
Querer em um só dia comer tudo;
Não perdoar arroz, nem cuscus quente,
Despejar pratos e alimpar tijelas,
Estas as festas são do gordo Entrudo.
(Crasto, in *Academias dos Singulares*, 1665: 347)

A enumeração descritiva das comidas e doces do primeiro quarteto dá lugar ao relato de ações licenciosas e excitantes, mostrando nessa sequência o Entrudo como uma ocasião de prazer e ludismo que pode lembrar ao leitor imagens pictóricas de G. Arcimboldo, a princípio, e depois imagens discursivas de F. Rabelais, devido ao sentido de gozo que o soneto constrói, no modo verbal no infinito, para dissolver, no anônimo coletivo das *festas*, um Entrudo *gordo* e fora de decoro. Na verdade, o poema traz à lembrança certo universo imaginário que nos acostumamos a identificar com relatos de excessos festivos e ações pouco civilizatórias de discursos elaborados na Europa ainda não moderna. No final do soneto, aparece um «querer» sem medida, disfarçado sempre na impessoalidade do infinitivo verbal. Repare-se que não há nenhum elemento moralizante na descrição do evento; por outro lado, a vinculação com o hedonismo gentio é dada apenas pelo título: «bacanaís». Efetivamente, esse soneto merece ser conhecido por mais leitores.

A questão da facécia, utilizada para construir as agudezas da poesia de Crasto, é assunto

que merece mais atenção, pois, apesar de ser um tratamento constante nos poemas da Academia dos Singulares, não é o único modo do seu estilo, como se disse. Na mesma sessão cujo mote, já citado, menciona uma «dama sem dentes», o poeta glosa-o com um soneto que traz a agudeza de reverter o infortúnio da dama, quando o leitor, acostumado com o caráter poético cômico de Crasto, poderia esperar nada menos que o escárnio. O poema é muito coeso no relato da causa da dor: os dois primeiros quartetos relatam a contemplação da beleza de Nise, nome da *persona*, num espelho e a constatação da feiura da boca. Os tercetos revertem o afeto em agudeza: as lágrimas vertidas pelos olhos dela serão as pérolas dos dentes que faltam. É curiosa a opção pela gravidade diante de um mote ridículo. Já o romance que se lhe segue é efetivamente ridículo e maledicente. Nele o poeta reclama da falta de vocação do mote proposto, dizendo que o argumento «tem muito pouco de Góngora», ou seja, não acompanha a autoridade de poetas engenhosos modelares como Luís de Gôngora.

Conveniência entre as artes poética e retórica é preocupação central nos dois tomos publicados pela Academia dos Singulares. No correr das sessões, assistimos ao debate sobre o decoro do estilo ser aplicado ao gênero poético como condição do bom resultado do poema. Antonio Serrão de Crasto trata disso o tempo todo: quando glosa o mote tradicional nas letras ibéricas, «coroar el Rey D. Pedro a Donna

Inez de Castro depois de morta», o poeta deixa ironicamente assente no palavrório latinista, desde o exórdio, que o romance necessitaria ser grave, dada a eminência da matéria:

Eu sou, *ille ego, qui quondam*,
sempre aqui falei de riso,
mas porém no assumpto de hoje
he razão mudar de estilo.

O mote da 15.^a sessão da Academia traz uma circunstância: «humã dama, que por livrar humã borboleta do fogo de uma vela, queimou humã guedelha». O poeta glosa o mote em castelhano, num soneto que desenvolve um silogismo sério. No exórdio do romance, toca no assunto da necessidade de alteração dos estilos, tendo em conta o tema da sessão:

Em a Academia passada
Mudei de frase, & de estilo,
Que também sei quando quero
Falar as vezes de cizo.
Foi o assumpto de morte,
Era certo aver juízo,
& se então falley com elle,
Agora outra vez deliro.
Mas se he força delirar
[...]

Esse mesmo romance trata da recepção dos poemas no congresso acadêmico, que enseja o riso e não o estilo grave, com «siso» e «juízo». Então, o poeta vê-se levado a abaixar o estilo do poema, falando de «piolhos», «lêndeadas», «cagalumes». Ao final, os efeitos resultantes

da alteração dos estilos para o «delírio» aparecem inequivocamente:

Inda que o assumpto foi quente,
O romance foi mui frio.

Noutra sessão, cujo mote incide sobre a fugaz circunstância de «humã dama, que lendo a humã luz hum papel de seu amante, queimou parte de seu cabelo», o romance, seguido de um soneto, brinca com a futilidade da matéria, inserindo a glosa do mote acadêmico na polémica «contra os cultos», debate que aconteceu na cena letrada lisboeta do século XVII, sobre o decoro do discurso poético e a emergência da poética de agudeza. O romance acrescenta um teor fescenino ao ato de leitura da donzela («fogo») e a toma como leitora discreta, embora não consiga decifrar o cultismo do texto do amante: «porque o culto, & o escuro / são sempre humã cousa mesma». O soneto em castelhano, por sua vez, é grave e não toca no assunto da polémica letrada, fingindo, dentro da convenção lírico-amorosa, uma vingança do Amor por ciúmes de Fábio: o amor é o fogo da vela.

Múltiplas seriam as opiniões de leitores de nossos dias que essa poesia acadêmica produzida no século XVII poderia suscitar, e não somente em razão do convencional e circunstancial dos motes propostos, mas precisamente pela operação poética dessas matérias no concreto do poema, pois compreende-se que a opção pela invenção circunstancial em

poesia faz parte do exercício discursivo da arte da invenção (*inventio*) de particularização de ideias ou teses gerais. A questão, no entanto, passa do campo da retórica e da lógica para o campo da poética, quando o poema expõe suas opções dispositivas e elocutivas, às vezes não bem alcançadas. Exemplo disso temos no romance de Crasto em que ele glosa o mote «Filis, que deu a Fabio a espadinha da cabeça, por ele haver pedido huma prenda», pois o poeta aposta em vários ornatos simultaneamente e o texto fica, ao final, com pouca coesão. O poeta cria ambiguidades com a palavra «bainha», que compartilha o étimo com «vagina», e outros trocadilhos; mas nem assim o resultado global é bom. Noutro romance, que glosa o mote de «huma Dama, que depois de sangrada se lhe foi o sangue», o poema, ao representar Atalanta em Nise, faz opções elocutivas ruins, elenca lugares-comuns e, por fim, reconhece a dificuldade de ornar o soneto. De toda maneira, o exercício acadêmico da poesia é um palco do discurso poético em que sua composição retórica aflora como necessidade de adequação entre estilos e gêneros, conforme transparece no romance e décima feitos por Crasto na 1.^a sessão de 1665, nos quais o acadêmico letrado qualifica o caráter (*ethos*) dos gêneros poéticos que, a partir do mote dado, florescerão como «várias poesias: romances discretos; sonetos limados; décimas amorosas; oitavas arrogantes». Não é sem sentido que ele, em mais de um texto, faça referência ao

ofício de boticário: «de meus dedos triaga», numa homologia entre a prática do manuseio de fármacos e aquela dos lugares-comuns, palavras e conceitos poético-retóricos.

Fora da série de poemas recolhida nos dois tomos da Academia dos Singulares, os poemas atribuídos ao nosso poeta continuam a trazer duplicidade de glosa não séria de matéria grave, ou vice-versa, em que pese haver numerosas situações em que o poeta faz o estilo acompanhar a gravidade ou eminência da invenção, derivando poemas decorosos no gênero e conceitos. No tomo IV da antologia *Fênix renascida* aparece o romance «Aos desposórios do sereníssimo senhor rey D. Affonso VI», com uma maledicência insidiosa, na forma laudatória. Aparece nele também o poema «Hoje minha caballina», que traz trocadilhos burlescos sobre o milagre de S. Francisco Xavier e uma peça que parece sintetizar a maior parte dos artifícios usados pelo poeta boticário para gerar agudezas pela facécia: «Sobre uma briga de um cego e um corcunda». O relato da briga, matéria de gênero baixo, enreda um argumento circunstancial, contado por meio de provérbios, ironias, trocadilhos, alusões, inclusive a lugares referencialmente existentes em Lisboa, como a Casa dos Bicos. Ou, de resto, pode-se ver a mesma desconstrução na décima avulsa: «A huma moça, q'cazou com hum velho» é escrita em linguagem burlesca, com trocadilhos chulos. O uso de musa *Clori* ironiza a falsa formalidade do epitalâmio, nesta atua-

lização do *topos* do «velho apaixonado», que já passou por Gil Vicente, para falar de apenas uma autoridade ibérica.

Mesmo a *ecfrase* de um quadro do pintor Bento Coelho da Silveira intitulado *Imaculada Conceição* (c.1670) surpreende pela escolha do conceito que reveste o poema-homenagem. O argumento do poema «Tão bela no paraíso» repousa sobre a tipologia de Maria em Eva. Embora o argumento seja santo, contudo, o romance é feito em estilo ligeiro, sem solenidade ou elevação. Há um vocabulário dialético e retórico, que tem base na tipologia do Antigo Testamento e no conceito teológico da graça. Há ainda o elogio à técnica do pintor, mas nada que corresponda à expectativa que a *ecfrase* de uma pintura mariana nessa sociedade contrarreformada poderia ensejar.

O estudo das letras do século XVII mostra que os gêneros cômicos contam também eles com uma preceptiva que, embora disseminada por textos esparsos, sem constituir um sistema uniforme de preceitos, possui postulados e lugares gerais na retórica e na poética, desde as primeiras sistematizações sobre poesia e prosa entre os antigos. Um livro que propôs uma sistematização sobre as matérias dos gêneros cômicos aos poetas daquela época foi *Il Cannocchiale aristotelico*, escrito em 1654 pelo turinense Emanuele Tesauro. O capítulo

XII deste manual é denominado «Tratado dos ridículos», porque nele estuda-se a natureza e os tipos de artifícios que provocam risos, ensinando-se aos poetas como incitá-los no auditório, a partir da leitura da *Arte poética* de Aristóteles, aproximando-a às letras do Seiscentos europeu. Podemos sintetizar a lição do capítulo XII do livro seminal de Tesauro, reafirmando que, segundo Aristóteles, o ridículo, ou seja, aquilo que suscita um riso breve, trata, por convenção, do erro e da feiura sem dor e com o mínimo prejuízo. Exemplo dado: a imagem de um rosto deformado, distorcido sem dor, provoca o sorriso de quem a vê. Segundo Tesauro interpreta do filósofo grego, a matéria do cômico divide-se entre os ridículos, que dizem respeito aos vícios por falta de virtude, e o horror, que diz respeito aos vícios por excesso da mesma virtude da temperança. Quanto aos gêneros, a comédia faz rir com a desproporção das fraquezas, ao passo que a sátira faz rir porque punge com o horror da tirania dos vícios. Já estando assente que a comédia é imitação dos piores homens, nos termos de Aristóteles, esse pior tem contudo diversas gradações, as quais vão constituir a variedade dos estilos e gêneros poéticos e retóricos do cômico. De modo geral, a lição aprendida é de que a comédia visa apenas o ridículo, enquanto a sátira atua sobre o vício, e é maledicente.³

==

³ Síntese a partir dos estudos de João Adolfo Hansen, no prefácio à tradução do capítulo XII do livro *Il Cannocchiale aristotelico: Tratado dos Ridículos*, de Tesauro (cf. Hansen, 1992).

Na prática da poesia acadêmica, a gradação do cômico mais adequada seria aquela elaborada por meio da figura da ironia, que promove o mote civilizado e modesto, digno de homens livres. Mas vemos também, vez por outra, poemas escorregarem para outras gradações previstas por E. Tesauro, chegando mesmo à gradação da bufonaria desavergonhada, a *bomolochia*, própria do servil palhaço e infame, que todo poeta acadêmico diz querer evitar, pois imprópria ao homem urbano, que caça por livre exercício do próprio engenho e tem pudor no ânimo com a vivacidade do engenho. A bufonaria (*bomolochia* ou *scurrilitas*) e a gargalhada imoderada (*cacchininus*) devem ficar para a arte infame dos parasitas e bufões.⁴ Como se vê, nada naqueles poemas é informal.

Não se pretende afirmar que António Serrão de Crasto, ou qualquer outro dos poetas Singulares, tenha aprendido especificamente no livro de Tesauro as formas e modulações dos gêneros derivados do cômico; mas se sustenta que esse conhecimento existia e circulava, formando noções de decoro para os autores. Da mesma maneira que não se pode assegurar que nosso poeta fosse leitor do orador Luciano de Samósata (125-181), autor do gênero cômico (embora não somente), e cuja presença nas le-

tras em língua portuguesa já foi demonstrada por alguns estudos, ainda que não de modo suficiente quanto aos autores do século XVII. A *Novela disparatória e burlesca O gigante sonhado e a donzela por pensamento* tem muito da obra de Luciano, em especial da fábula *História verdadeira*, pelo inusitado das situações diegéticas, pelas personagens compósitas, pela inserção do fantástico-maravilhoso, pela inclusão de imagens fesceninas, enfim, pelo tratamento dado ao enredo imaginário.

Aparentemente, Luciano está presente nos dois discursos proferidos por Crasto nas sessões acadêmicas. Na primeira presidência da Academia dos Singulares, em 27 de janeiro de 1664, o orador António Serrão de Crasto toma a personagem mítica de Faetonte como seu análogo na presidência da sessão. No discurso como titular — após o exórdio em que, utilizando a figura retórica da «modéstia afetada», mostra-se como incapaz de exercer bem o cargo que lhe ofereciam: «[...] como era moço, sciencia pouca, presunção muita, experiência nenhuma, desprezo nos documentos [...]» — finge um concílio dos deuses todos do Olimpo face ao caso da queda de Faetonte, segundo um sonho que relata aos colegas singulares: «Deoses endiabrados, ou aquelles diabos en-

⁴ Conforme Hansen, no prefácio à tradução do capítulo XII de *Il Cannocchiale aristotelico: Tratado dos ridículos*: «No ridículo, como em todos os atos morais, as circunstâncias alteram a matéria. [...] A desonestidade censurada em uma como brincadeira será maledicência no seguinte [...]». A feiúra sem dor, com mínimo prejuízo, com urbanidade, pela qual nem a modéstia de quem raciocina, nem a reputação sobre quem se raciocina seja abertamente violada. «A deformidade sem prejuízo é a forma do ridículo urbano que consiste em uma tal maneira de representá-lo que se o mote é mordaz, que pareça inocente; e se é obsceno, que pareça modesto: deformidade sem prejuízo».

diosados, que a gentildade pintou». Nesse sonho, relata o orador no discurso, é levado à presença do *Deos Apollo* disfarçado como Francisco Relé ou Manoel de Alfama⁵, os dois pseudônimos escolásticos de nosso satirista. É Apolo quem, no sonho, ordena-o a aceitar a presidência incidental. A semelhança com escritos de Luciano não se encontra necessariamente no artifício do sonho, lugar-comum até, mas na condução descomprometida da argumentação discursiva, em que a preocupação com a coesão, por parte do orador, fica francamente preterida, face à construção do imaginário fabuloso, relatado comumente de modo espontâneo e rudimentar.

Na segunda vez em que atua na presidência da Academia, em 12 de fevereiro de 1665, a figura da «modéstia afetada» toma a empresa oratória com os ornatos de «*temeridade e loucura*», denominando sua *oratio* de «barbata» ou leiga, num exórdio jocoso, em que usa numerosos provérbios. Como quase sempre, o estilo do texto é falsamente elevado, pois, apesar de elogioso, o discurso mantém-se na facécia. O orador finge o argumento de que, na companhia de um ajudante, imitando, quem sabe, Platão no livro *Fedro*, encontra-se com Diógenes, o filósofo cínico, em Lisboa,

chamada «cidade cabeça das ciências e saberes», em função da presença ativa das academias na época do poeta. No argumento, as produções acadêmicas são os tesouros do filósofo. No epílogo, reafirma ser insuficiente para o lugar da presidência e pede que os acadêmicos «façam as estrelas brilharem».

De resto, o objetivo deste artigo é fazer uma apresentação breve dos escritos cômicos do poeta António Serrão de Crasto, cuja obra excede largamente esse gênero. É cabível a hipótese de que o artifício central de sua poesia na Academia dos Singulares seja a transposição dos estilos grave e jocoso, pois a maior parcela de seus romances, sonetos e glosas faz interagir conceitos, ornatos e elocução de matéria séria e de matéria jocosa e circunstancial, alternando a aplicação de estilos grave e faceto entre elas.

De modo global, a crítica que o leitor hodierno de Crasto poderia fazer incidiria sobre a inclusão, por vezes pouco proficiente, de prosaísmos que arranham a gravidade do estilo ou o elogio da matéria virtuosa e legam certa ilegitimidade à ficção de algumas peças. Fora disso, resta a esperança de que seus poemas sejam um dia mais conhecidos pelos leitores de hoje e sempre.

⁵ Alfama: palavra que ecoa, como parônima, a má fama que teve o bairro lisboeta e da *persona* satírica do poeta. Encontram-se, entre textos atribuídos, as seguintes rimas curtas de uma conquista amorosa chamada de «A huns namorados de Alfama ele Manuel ela Isabel Pelo Serram». A despeito da brincadeira do par amoroso do poema, seria o pseudônimo Manoel a razão pela qual foi esse mesmo prenome escolhido, quando foi riscado seu nome das provas da *Fênix renascida*, na ocasião em que passavam pelas censuras do período, e sobreposto a ele um Manuel Vidal de Chaves? Usaria esse nome (desconhecido e com certeza falso) um trocadilho entre os termos «vida» e «chaves» e o *Manuel* desse romance ficcional?

Bibliografia

Academias dos Singulares de Lisboa. Dedicadas a Apollo (1665/1668). Oficina de Henrique Valente de Oliveira. Lisboa. 2 tomos;

Carvalho, M.S.F. de (2019). *Catálogo da poesia seiscentista da Biblioteca Nacional: Com estudo retórico-poético das letras luso-brasileiras no século XVII*. Alameda. São Paulo;

Crasto, A.S. de (1981). *Os ratos da Inquisição*. (Pref. de Camilo Castelo Branco; notas de M.J. Gomes). Contexto. Lisboa;

Crasto, A.S. de (2004). *Os ratos da Inquisição, seguido de «A Francisco de Mezas»*. (Pref. de Camilo Castelo Branco). Frenesi. Lisboa. [reed. do livro *Os ratos da Inquisição, ruína de uma pobre canastra* e do manuscrito *Fonte jocosa fabricada por António Serrão de Crasto, boticário, em Lisboa*, ano de 1704];

Foucault, M. (2019). *História da loucura*. (12^a. ed.). Editora Perspectiva. São Paulo;

Fumaroli, M. (1998). *L'école du silence: Le sentiment des images au XVII^e. siècle*. Flammarion. Paris;

Hansen, J.A. (1992). Uma arte conceptista do cômico: O *Tratado dos ridículos* de Emanuele Tesauro (1654). Em: J.A. Hansen e A.A.B. Pécora (org.). *Tratado dos ridículos* (1.^a ed.). CEDAE-UNICAMP. Campinas-SP. pp. 7-28;

Ribeiro, B.A.F. (2007). *Um morgado de misérias: O auto de um poeta marrano*. Humanitas. São Paulo;

Sobral, L. de M. (1994). *Pintura e poesia na época barroca*. Editorial Estampa. Lisboa;

Sylva, M.P. da (1746). *A fenix renascida ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes*. (2.^a impressão aumentada). Oficina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram. Lisboa. T. IV;

Tesauro, E. (1992). *Tratado dos ridículos*. (Pref. J.A. Hansen). IEL-CEDAE-Unicamp. Campinas, n.º 1;

Tesauro, E. (2000). *Il cannocchiale aristotelico* (1654). L'Artistica. Savigliano. [Fac-símile da ed. de 1670, por Zavatta, Torino].